

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LARISSA PINTO DE PAIVA

**A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS DO PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA -PNAIC- NA ALFABETIZAÇÃO DOS
ALUNOS DE PARECI NOVO/RS**

**SÃO LEOPOLDO
2018**

Larissa Pinto de Paiva

A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO
NA IDADE CERTA -PNAIC- NA ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DE PARECI
NOVO/RS

Trabalho de Conclusão apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia, pelo Curso de
Pedagogia/EAD, da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Ms. Regina Urmersbach

São Leopoldo

2018

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Cartilha para alfabetização	9
Imagem 2 – Quadro demonstrativo da ANA em 2016.....	14
Imagem 3 – Jogo Palavra Dentro de Palavra.....	17
Imagem 4 – Objetivos do jogo Palavra Dentro de Palavra	18
Imagem 5 – Dicas ao professor.....	19
Imagem 6 – Jogo Bingo dos Sons Iniciais.....	19
Imagem 7 – Objetivos do jogo Bingo dos Sons Iniciais	20
Imagem 8 – Dicas ao professor.....	21
Imagem 9 – Jogo Quem Escreve sou Eu	22
Imagem 10 – Objetivos do jogo Quem Escreve Sou Eu	22
Imagem 11 – Dicas ao professor.....	23
Imagem 12 – Correção após aplicação do jogo	24
Imagem 13 – Mapa	26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Qual sua formação?	31
Quadro 2 – Participou dos cursos do PNAIC? Quando?.....	33
Quadro 3 – Trabalha com jogos do PNAIC? Os jogos do PNAIC contribuem para o processo de alfabetização?.....	33
Quadro 4 – Quais os três jogos mais utilizados em sala de aula? Por quê?.....	35
Quadro 5 – Com que frequência?	35
Quadro 6 – Qual a proposta de cada jogo?	36
Quadro 7 – Os alunos demonstram interesse pelos jogos? Como sabe?.....	37
Quadro 8 – Como são utilizados os jogos em sala de aula?.....	38
Quadro 9 – Além dos jogos do PNAIC, que outros jogos utilizam?.....	38

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
1 INTRODUÇÃO	6
2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	9
3 PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA.....	14
4 OS JOGOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	17
4.1 OS JOGOS DO PNAIC	18
5 METODOLOGIA	27
5.1 CONHECENDO O MUNICÍPIO DE PARECI NOVO	28
5.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	30
5.2.1 ESCOLA A	30
5.2.1.1 A TURMA DO 3º ANO.....	30
5.2.2 ESCOLA B.....	30
5.2.2.1 A TURMA DO 1º ANO.....	30
5.2.2.2 A TURMA DO 2º ANO.....	31
5.2.3 ESCOLA C.....	31
5.2.3.1 A TURMA DO 2º ano.....	31
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO	46
APÊNDICE B: AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA DE PESSOA MENOR DE IDADE	47

RESUMO

O presente estudo surgiu a partir da atuação como docente, onde nasceram certas indagações sobre o processo de alfabetização, neste caso, em relação aos jogos e sua real contribuição neste processo. Assim, buscou-se compreender se os jogos do PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – contribuem de fato para o processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tal, foi analisado amplo embasamento teórico, utilizando diversos autores. A partir dessa análise, foi possível compreender conceitos que fazem parte do processo de alfabetização. Também foi aplicado um questionário com quatro professoras alfabetizadoras da rede pública municipal do município de Pareci Novo/RS, a fim de conhecer um pouco mais das suas práticas pedagógicas como docentes atuantes em turmas de alfabetização. Além disso, foi realizado um estudo sobre os tipos de jogos voltados à alfabetização, trazidos pelo PNAIC, oferecidos como ferramenta de auxílio para utilização com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir disso, pude analisar esses dados e concluir os benefícios que o jogo traz como facilitador do processo de alfabetização e compreender as práticas docentes envolvidas, concluindo, também, a evidente importância do professor escolher adequadamente o jogo que contemple os objetivos a serem trabalhados no nível de aprendizagem em que está inserido.

Palavras-chave: Jogos. Alfabetização. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Por estar atuando como professora de alfabetização com turmas de primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental, percebo a importância da utilização de jogos durante esse processo. Observo que quando utilizo os jogos durante as aulas, as crianças se interessam e se motivam mais em aprender a partir dos jogos. Além de motivar e despertar mais interesse em aprender, os jogos tornam as aulas mais interessantes e prazerosas.

A utilização de jogos enriquece o trabalho do professor, uma vez que, no jogo, o indivíduo revela seus sentimentos, seus bloqueios e suas frustrações. O resultado desse tipo de atividade é que a criança vai adquirir, aos poucos, autoconfiança, melhor conhecimento de suas possibilidades e limites, aprende a cooperar com as outras crianças durante o jogo. Ana Luiza Smolka destaca a importância do jogo:

O jogo tem uma função fundamental no desenvolvimento das crianças e, como tal, possui um significado, um sentido, no processo de organização das experiências, elaboração de pensamentos, expressão de sentimentos, construção de conhecimentos. (SMOLKA, 1988, p.22)

Assim, a atividade lúdica estimula a autonomia e a socialização. Por isso, é fundamental que os professores proponham jogos para os alunos, de modo a tornar a aprendizagem significativa e envolvente para eles.

Portanto, pergunto-me: Os jogos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC- contribuem para o processo de alfabetização de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Segundo Sassi (2014, s/p), a aplicabilidade dos jogos como ferramenta pedagógica de ensino é versátil, com regras flexíveis e, por isso, adaptam-se a todo tipo de pessoas, grupos, espaços e competências, proporcionando momentos de aprendizagem significativa dos alunos.

O lúdico proporciona o diagnóstico do processo de aprendizagem infantil, por meio de uma perspectiva cognitiva, afetiva, psicomotora e social. Com a atividade lúdica, o educador pode conhecer os interesses e as necessidades, os comportamentos, conflitos e as dificuldades de seus alunos. Masdevall afirma:

O jogo é atividade fundamental na vida da criança. Mediante o jogo, a criança compreende a vida real, conquista a autonomia, adquire aspectos mentais e atua. O jogo favorece a socialização com os iguais e, na medida

em que copia e adapta o mundo dos adultos, reproduz valores e as atitudes da sociedade em geral (1993, p.77).

O jogo, como recurso pedagógico, direcionado ao desenvolvimento e à aprendizagem, pode ser muito significativo no sentido de encorajar a criança a tomar consciência dos conhecimentos sociais que são desenvolvidos durante o jogo, os quais podem ser usados para ajudá-la no desenvolvimento de uma compreensão do processo de alfabetização.

Dessa forma, podemos analisar e conhecer as práticas docentes na utilização de jogos durante o processo de alfabetização e concluir os benefícios que o jogo traz como facilitador desse processo. Através do presente estudo, busco compreender se os jogos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC – contribuem para o processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esta pesquisa foi realizada com quatro professoras de turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, da rede pública municipal de Pareci Novo-RS, aplicando um questionário com o objetivo de compreender suas práticas docentes, identificar se utilizam jogos, quais e como são trabalhados em sala de aula, buscando compreender a importância desses jogos no processo de alfabetização desses alunos.

A presente pesquisa foi organizada através dos seguintes capítulos: Introdução, Alfabetização e Letramento, Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, Jogos no processo de alfabetização, Metodologia, Análise e discussão de dados e Referências. No capítulo 2, Alfabetização e Letramento, vem conceituada a alfabetização e o letramento a partir de diferentes autores, relacionando estes com a prática no dia a dia em sala de aula.

No capítulo 3, Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, explica como funciona este programa oferecido pelo Governo Federal para promover uma formação continuada para professores que atuam em classes de alfabetização e seu objetivo.

No capítulo 4, Os jogos no processo de alfabetização, apresenta o jogo como um importante recurso para o processo de ensino-aprendizagem. Também apresento três tipos de jogos promovidos pelo PNAIC, para contribuir no processo de alfabetização de alunos. O capítulo 5, Metodologia, traz o tipo de metodologia utilizada e sobre os sujeitos da pesquisa. Por fim, a análise e discussão dos dados,

no capítulo 6, é apresentado o questionário aplicado com as professoras de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, os resultados, a análise e a interpretação dos dados obtidos, tal como reflexões e considerações finais sobre o presente estudo.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para iniciar esse capítulo, faz-se importante trazer certos questionamentos pertinentes como: o que significa alfabetização? E letramento? Os dois termos representam um mesmo processo?

Para refletir esses questionamentos, apoio-me em documentos de especialistas, assim como práticas discutidas no Pnaic¹. Pode-se colocar, inicialmente, que a língua é um sistema que tem como centro a interação verbal, que se faz através de textos ou discursos, falados ou escritos. Esse sistema, por sua vez, depende da interlocução, ou seja, da ação linguística entre sujeitos. Em suma, o processo se dá na interação entre sujeitos.

Cabe aqui enfatizar que a alfabetização trata sobre o domínio da leitura e da escrita, já o letramento é o re/conhecimento das letras. Sendo assim, os referidos processos são distintos, contudo, estão diretamente relacionados. Estes precisam caminhar juntos, complementando-se. Portanto, é importante à criança desenvolver a sua compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabética e saber usá-lo, desde o início, em situações reais de comunicação para que, ao término de uma leitura, entenda e saiba explicar o que leu, trata-se aqui da habilidade de interpretar.

O foco do PNAIC trata exatamente sobre a reflexão acerca do processo de alfabetização, cujo conceito foi ampliado a partir dos anos 1980, com os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, as quais trazem que o aprendizado do sistema de escrita não se reduz ao domínio de correspondências entre grafemas e fonemas (a decodificação e a codificação), mas se caracteriza como um processo ativo onde a criança re/constrói hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita.

Nesse sentido, o processo de alfabetização se reduz ao domínio de letras e sons, no funcionamento da língua escrita, nada mais que isso. Um processo de simples repetições sem vida, sem interpretações ou inferências do leitor. O processo da alfabetização era percebido como o ato de codificar os sons da fala para escrever e decodificar os sinais gráficos, alterando-os em sons para aprender a ler. A seguir, a Imagem 1 retrata parte de uma cartilha, material utilizado tradicionalmente para alfabetizar por meio de repetições de palavras e frases sem sentido.

¹ Ler Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, formação continuada oferecida pelo governo federal, voltada a professores em efetivo exercício em turmas de alfabetização.

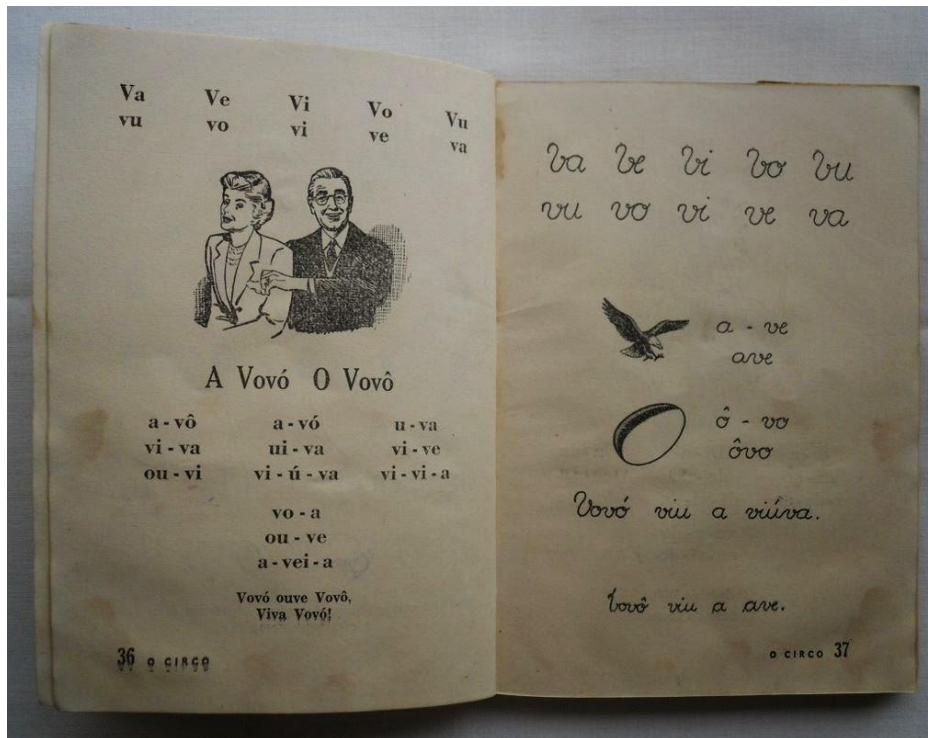


Imagem 1 – Cartilha para alfabetização. (Fonte: Google)

Segundo Moreira (2018), diversos pesquisadores, entre eles Paulo Freire, sempre combateram esta forma de “ensinar”. O autor supracitado critica profundamente a “educação bancária”, na qual o aluno é um ser passivo, o receptor desse processo, e o docente, por sua vez, é o grande conhecedor das coisas, o detentor do conhecimento a ser depositado no aluno.

[...] Até quando a escola primária – mas não só ela; a média, a universitária também, vem insistindo, com seus rituais, com seus comportamentos, em estimular posições passivas nos educandos, através dos seus procedimentos autoritários? É o autoritarismo do discurso, por exemplo, e no discurso da professora e do professor. É o autoritarismo da transferência de um conhecimento parado, como se fosse pacote que se estende à criança, em lugar de se convidar a criança a pensar e aprender a aprender. Em lugar disso, o que se faz é docilizar a criança, para que ela receba o pacote do conhecimento transferido (FREIRE, 1982, p. 36).

Contudo, a partir dos anos 80, ampliou-se o conceito de alfabetização. Nesse momento, a criança, desde seu primeiro contato com a escrita, produz e reproduz hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita como um sistema de representação.

Emília Ferreiro foi uma das precursoras nas pesquisas sobre alfabetização e letramento. Para a autora, “[...] a alfabetização não é um estado ao qual se chega,

mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e não termina ao finalizar a escola primária” (FERREIRO, 1999, p 47).

Moreira (2018) traz um parecer sobre o trabalho de Emília Ferreiro voltado a alfabetização e seu impacto na educação:

[...] ela não só desvendou os mecanismos pelos quais as crianças aprendem a ler e a escrever, como também levou os educadores a repensarem suas teorias e métodos, principalmente a partir dos idos anos 80, impactando, consentaneamente, nos últimos 30 anos, ao introduzir no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante de suas pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita. (MOREIRA, 2018, p.04)

Muitas foram às mudanças quanto às concepções voltadas ao processo de ensino-aprendizagem, neste estudo, voltado especificamente à alfabetização. A que pensar toda a mudança sofrida pela sociedade e o contexto atual ao qual estão inseridos nossos alunos. A partir de toda essa mudança, novas necessidades surgiram e, com elas, novas metodologias foram necessárias. Assim, é pertinente trazer o termo letramento, relativamente novo nos contextos educacionais, pensando o cotidiano e a práxis escolar, e constantemente discutida entre os profissionais da educação.

De acordo com Soares (2009), o termo é bastante recente e carece de divulgação para que seja possível sanar as dúvidas e confusões a seu respeito. Esse termo serviu para atender “novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita”, principalmente a partir dos anos 80, uma vez que “[...] uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra” (SOARES, 2010, p. 29). Essa nova palavra é mais ampla e está além da alfabetização, desvelando o impacto social da escrita.

Sendo assim, letramento transpõe a concepção da alfabetização. Letrar é ir além do domínio da leitura e da escrita, a criança precisa colocar essa capacidade em práticas sociais de leitura e escrita, compreender o que está lendo e escrevendo, apropriando-se, de fato, da cultura escrita.

A especialista Magda Soares também trouxe contribuições acerca da temática, buscando conceituar o termo letramento, referente ao seu surgimento e à sua função, devido à dificuldade de conceituá-lo e diferenciá-lo da alfabetização.

[...] dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto,

sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição (SOARES, 2009, p. 65).

A mesma autora complementa, colocando que:

[...] Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (SOARES, 1998, p. 39)

Paulo Freire (1991) dizia que não bastava saber ler “Eva viu a uva”, era preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho, ou seja, o leitor precisa ler além das letras, precisa extrapolar a materialidade textual, precisa fazer uma leitura social, assim estará embrenhando-se para o processo do letramento.

Desse modo, pode-se dizer que os processos de alfabetização e letramento aparecem associados, visto que *alfabetizar letrando* é aprender a ler e escrever no contexto cultural e social. Entretanto, os educadores precisam proporcionar situações de interação dos alunos com a escrita e favorecer a descoberta, a estrutura combinatória da língua, colocando-os como agentes transformadores do meio em que vivem, sabendo utilizar diferentes fontes de aquisição de conhecimentos – como a utilização de jogos – permitindo assim que o educando construa o seu conhecimento de forma significativa.

Outro ponto importante a ser citado aqui, pensando ferramentas para o sucesso na alfabetização é o “ambiente alfabetizador”. Trata-se da atenção quanto ao espaço, pensando a construção de um ambiente letrado, escrito, rico em estímulos que provoquem atos de leitura e escrita, que permita compreender o funcionamento da língua escrita, possibilite a apropriação de seu uso social e forneça elementos que desafiem o educando a pensar na língua escrita. É importante que a criança faça a “leitura do próprio mundo”, destaca Paulo Freire (1982). Então, é importante que o professor promova o contato da criança com o mundo letrado.

[...] O ambiente alfabetizador tem que ser datado e situado. Ele é histórico. O que pode representar, hoje, um rico ambiente alfabetizador amanhã pode não dar conta, pois as experiências das crianças já se modificam tanto, que as necessidades serão outras. Só será um ambiente alfabetizador se incorporar à atualidade cultural e sua história que contém o presente e o passado de seu grupo sociocultural (ARAÚJO, 2001, p.148)

Portanto, o sucesso desse processo está na interação com o sujeito, com o meio e com diferentes tipos de leituras, nos estímulos, bem como na motivação. Essa ideia é reforçada através da reflexão que segue:

[...] entendemos que o processo de alfabetização deve proporcionar situações nas quais os alunos sejam colocados em contato com as práticas sociais de leitura e de escrita, onde o professor que lida com a alfabetização, prioritariamente, conheça a psicogênese da língua escrita para entender a forma e o processo pelos quais a criança se apropria do ler e do escrever (MOREIRA apud FERREIRO, 2018, p.14)

Aqui, pode-se pensar além da discussão acerca do ambiente alfabetizador em si, pensado com algo recentemente descoberto e proposto. Vamos analisar o que trazia Piaget (1987) em sua obra *O Nascimento da Inteligência na Criança*, onde ele coloca a importância das interações do indivíduo com o meio no qual está inserido para desenvolver-se. Ou seja, o meio ao seu redor influencia diretamente suas assimilações, ou seja, sua aprendizagem, isso desde os seus primeiros dias de vida. Da mesma forma, o meio continua a ser de tal importância e influencia quando inserido em sala de aula, com a intenção de construir suas noções de linguagem.

3 PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC – foi lançado no ano de 2012. O PNAIC é uma iniciativa entre parcerias do Governo Federal, Distrito Federal, Estados, Municípios e Instituições de Ensino Superior.

O PNAIC oferece um curso de formação continuada para os professores de turmas de alfabetização (primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Fundamental), tendo como principal objetivo a alfabetização de todas as crianças, até o terceiro ano do Ensino Fundamental.

Para isso, as Instituições de Ensino Superior são responsáveis por capacitar os professores orientadores. Esses professores orientadores passam essa capacitação para os professores alfabetizadores de seus municípios, quando podem trocar suas experiências pedagógicas, analisar se tiveram avanços, as dificuldades, como o aluno aprende, pensar e repensar suas práticas.

Segundo o site do MEC – Ministério da Educação, as formações do PNAIC começaram no ano de 2013, período em que as capacitações focaram o estudo da Linguagem. Em 2014, enfatizaram a Matemática; 2015, Gestão Escolar, Currículo, A Criança do Ciclo de Alfabetização e Interdisciplinaridade; em 2016, deram ênfase para a leitura, escrita e letramento Matemático; em 2017 e 2018, a Alfabetização na Idade Certa, Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental e foi incluído a Educação Infantil.

Conforme o portal do MEC, a avaliação do PNAIC é analisada por meio de três indicadores:

Há três indicadores principais que podem evidenciar o sucesso do PNAIC. O primeiro é o resultado da escola nas avaliações das redes e na ANA. O segundo é o professor alfabetizador ganhar autonomia no uso competente de estratégias e recursos didáticos que lhe permitam efetivamente alfabetizar, independentemente dos livros e dos materiais escolhidos pela rede ou instituição. O terceiro diz respeito a diretores e coordenadores pedagógicos que sejam capazes de apoiar os professores e organizar um ambiente motivador à leitura e escrita na escola, compreendendo que alfabetizar com qualidade é um compromisso de uma gestão democrática e uma atitude de respeito à equidade, à inclusão e à igualdade de oportunidades. (fonte: portal MEC)

De acordo com informações no Portal do MEC (2018), o PNAIC é um sucesso, pois há uma melhora nas avaliações das redes de ensino e da ANA –

Avaliação Nacional de Alfabetização – uma avaliação aplicada nas turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental para averiguar os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa e Matemática. E, também, criou-se uma parceria entre toda a equipe escolar, compartilhando o mesmo objetivo, que é a alfabetização na idade certa.

AVALIAÇÃO NACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO 2016			
Estado	Municípios	Turmas	Alunos
AC	22	586	16.198
AL	102	2.009	53.179
AM	62	2.559	71.950
AP	16	618	15.697
BA	417	8.521	201.065
CE	184	4.477	109.367
DF	1	1.564	36.450
ES	78	2.211	53.947
GO	244	3.100	83.200
MA	217	4.237	104.958
MG	852	11.735	284.749
MS	79	1.682	45.222
MT	141	1.978	47.386
PA	144	5.935	152.402
PB	222	2.048	47.416
PE	185	4.555	118.554
PI	223	2.045	48.494
PR	399	6.034	149.877
RJ	92	6.509	171.096
RN	167	1.506	35.804
RO	52	1.545	40.412
RR	15	316	7.719
RS	477	6.026	134.670
SC	295	3.713	89.256
SE	75	1.279	31.218
SP	645	18.838	532.919
TO	139	949	24.143
Total	5545	106575	2707348

Imagem 2 – Quadro demonstrativo da avaliação nacional da alfabetização em 2016. (Fonte: Portal do MEC)

Podemos observar, na imagem 2, como foi aplicada a última avaliação da ANA do ano de 2016, os estados contemplados dentro desses a quantidade de municípios, turmas e alunos. De acordo com a ANA do ano de 2016, segue a avaliação do MEC:

Os resultados da ANA revelam que 54,73% dos estudantes acima dos 8 anos, faixa etária de 90% dos avaliados, permanecem em níveis insuficientes de leitura. Encontram-se nos níveis 1 e 2 (elementares). Na avaliação realizada em 2014, esse percentual era de 56,1. Outros 45,2% dos estudantes avaliados obtiveram níveis satisfatórios em leitura, com desempenho nos níveis 3 (adequado) e 4 (desejável). Em 2014, esse percentual era de 43,8. (Portal do MEC, 2018)

Podemos perceber com esses resultados que os níveis de alfabetização dos alunos de terceiro ano são muito preocupantes, já que mais da metade dos alunos avaliados não possui domínio da leitura. E quanto à escrita o MEC avaliou:

Na avaliação da escrita, foram considerados cinco níveis: 1, 2 e 3 (elementares), 4 (adequado) e 5 (desejável). Os resultados de 2016 revelam que 66,15% dos estudantes estão nos níveis 4 e 5. Com isso, 33,95% dos estudantes ainda estão nos níveis insuficientes: 1, 2 e 3. (Portal do MEC 2018)

Enquanto na escrita, em comparação com a leitura, há uma melhora, mas ainda sim uma porcentagem alta de 33,95% dos alunos avaliados estão em níveis insuficientes na escrita, ou seja, não possuem domínio da escrita.

É fundamental para toda a equipe escolar possuir esses dados, para poder planejar estratégias de melhorias nas escolas. Além disso, é importante investir na capacitação dos professores alfabetizadores, assim como em materiais e estrutura necessária, para podermos melhorar o desempenho e a qualidade da educação, neste caso específico, nas turmas de alfabetização.

4 OS JOGOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O vocábulo jogo traduz diversos significados, tais como: 1. Exercício ou passatempo entre duas ou mais pessoas das quais uma ganha, e a outra, ou as outras, perdem. 2. Divertimento, exercício. 3. Habilidade. 4. Entrar em jogo: entrar em ação.

Assim, jogo é uma atividade que integra um ou mais participantes com um sistema de regras. O jogo pode ser uma prática cultural passada para futuras gerações, introduzido na sociedade. Os jogos podem ser poderosos recursos durante o processo de alfabetização, pois motivam a criança a refletir e compreender a escrita e leitura, sem que seja através de atividades repetitivas.

O professor precisa ter bem claro e definido os objetivos com a utilização do respectivo jogo, só assim, a criança conseguirá sistematizar a aprendizagem através do mesmo. Como diz Kishimoto:

[...] A utilização do jogo potencializa a exploração e construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e influência de parceiros, bem como a sistematização de conceitos em outras situações que não jogos. (KISHIMOTO, 2003, p.37-38)

É significativo ressaltar que, durante o jogo, a criança pode se sentir motivada a entender o funcionamento da leitura e escrita, fortalecendo aprendizagens realizadas e fazendo novas conquistas sobre o universo alfabético. Além de interagir seus saberes com os colegas, um auxiliando e ajudando o outro.

Segundo Kishimoto (2003), o jogo potencializa o conhecimento, pois motiva internamente o sujeito alvo da aprendizagem. Isso, somente ocorre quando o professor utiliza o jogo com intencionalidade. De tal modo, precisamos e podemos promover um ensino mais lúdico, sem perder a qualidade, conciliando os jogos com objetivos a serem alcançados em cada nível de ensino.

Da mesma forma, é necessário problematizar e oportunizar situações para que os alunos possam atingir o objetivo do jogo proposto. Em suma, não haverá uma aprendizagem significativa se o aluno apenas jogar por jogar.

Assim, o trabalho que segue refere-se aos jogos para alfabetização trazidos pelo PNAIC, sugeridos para uso em sala de aula, com três diferentes tipos de jogos:

jogo de análise fonológica, jogo para consolidação das correspondências grafofônicas e jogo para reflexão sobre os princípios do sistema alfabético.

4.1 OS JOGOS DO PNAIC

A caixa é composta por dez jogos ofertados pelo PNAIC para auxiliar o processo de alfabetização. Segundo o Manual Didático dos Jogos de alfabetização, p.19/20, nenhum dos jogos possui todos os princípios do sistema alfabético de escrita. Por isso, é importante que o professor conheça e saiba o que quer desenvolver com os jogos, pois esses contribuem durante o processo de alfabetização, e também para dar continuidade às atividades necessárias para favorecer a aprendizagem dos alunos.

Os jogos de análise fonológica estimulam o aluno a perceber a relação entre o som e a escrita. Os jogos de consolidação das correspondências grafofônicas estabelecem a correspondência das letras e seus sons. Já os jogos de reflexão sobre os princípios do sistema alfabético trabalham a escrita e a leitura.

Segundo Teberosky & Colomer (2003, p.54) “[...] a criança tenta encontrar as unidades sonoras que correspondem às letras e, para isso, faz uso de seus conhecimentos sobre os enunciados orais”. A Imagem 3 mostra alunos jogando o jogo Palavra Dentro de Palavra e refletindo sobre o sistema alfabético, percebendo na cartela vermelha que a VELA cabe dentro da palavra da cartela azul FIVELA, percebendo assim que existem palavras com sons e letras iguais.



Imagem 3 – Jogo Palavra Dentro de Palavra. (Fonte: arquivo pessoal)

Na Imagem 4, está parte do conteúdo presente no manual que acompanha a caixa de jogos sobre o jogo mostrado acima.

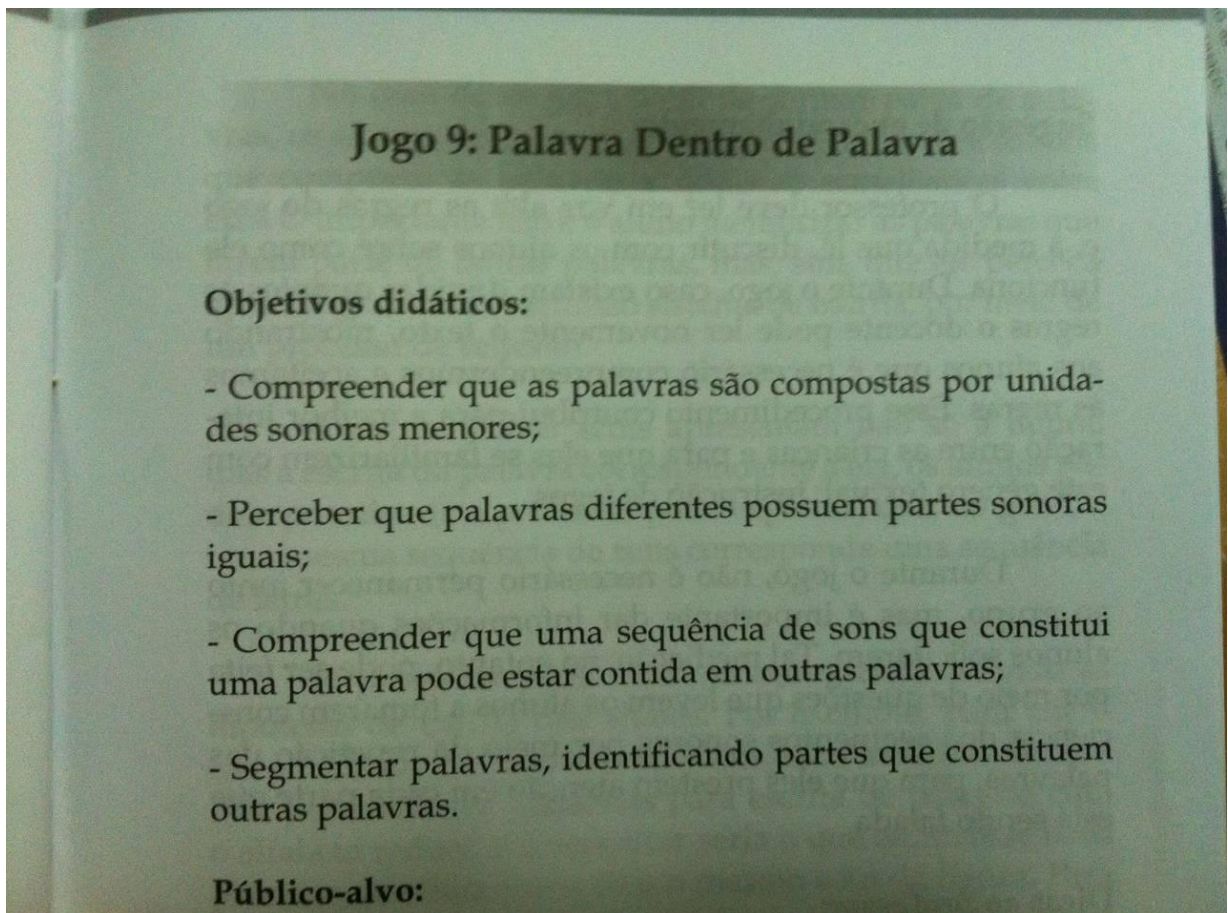


Imagem 4 – Objetivos do Jogo Palavra Dentro de Palavra (fonte: Manual da caixa de Jogos).

Na imagem 5, estão sugestões trazidas para o docente sobre o jogo e a aplicação desse, de forma a dar um suporte ainda maior aos profissionais que atuam nas turmas de alfabetização. Da mesma forma, nas imagens 7, 8, 10 e 11 serão apresentadas as sugestões trazidas no mesmo manual referente aos demais jogos aqui citados.

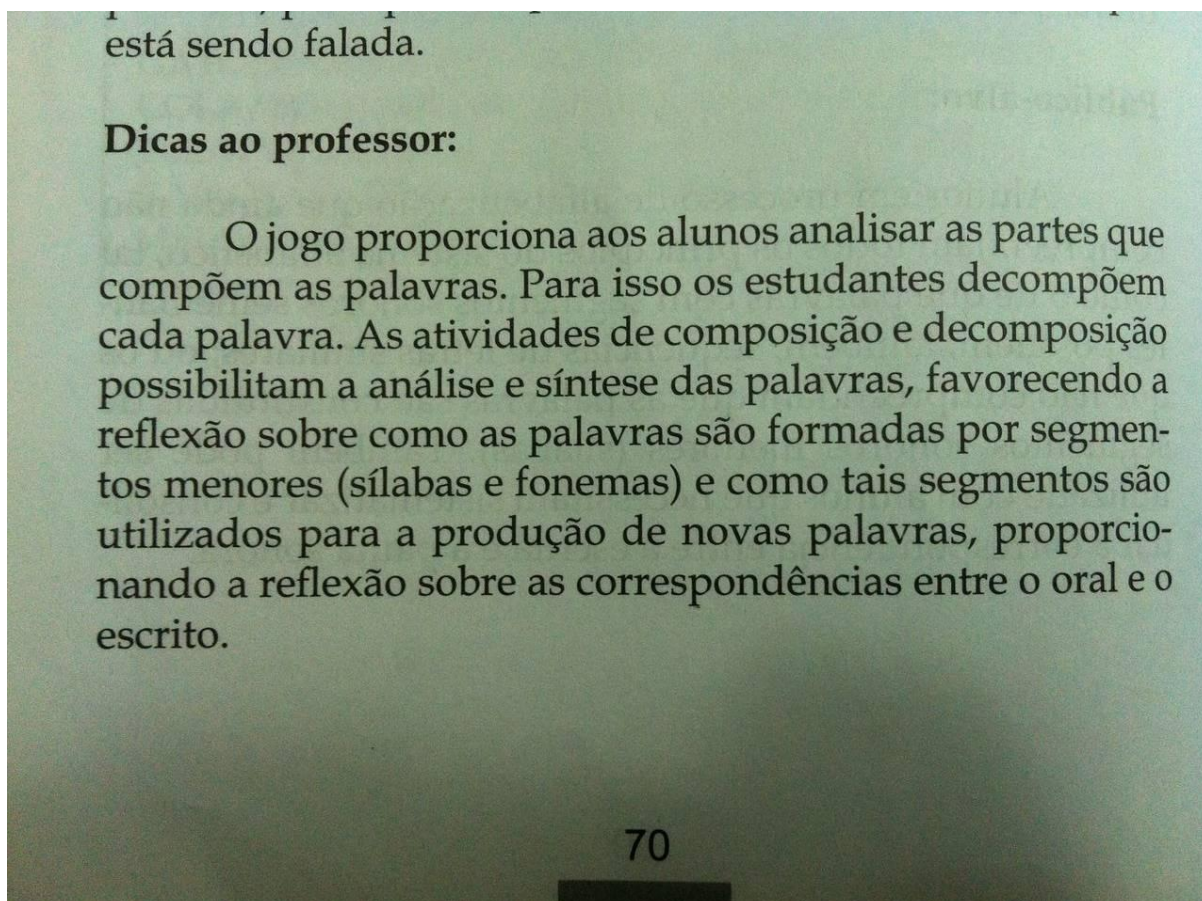


Imagem 5 – Dicas ao professor referente ao jogo Palavra Dentro de Palavra (fonte: Manual da caixa de Jogos).



Imagem 6 – Bingo dos Sons Iniciais. (Fonte: arquivo pessoal)

O jogo que aparece na imagem 6 é o Bingo dos Sons Iniciais que faz parte dos jogos de análise fonológica, onde os participantes devem procurar em suas cartelas a mesma sílaba inicial da palavra sorteada pelo professor. Nesse jogo, os participantes desenvolvem a consciência fonológica, pois precisam refletir sobre as sequências sonoras das palavras. Que são tão importantes para o processo de alfabetização.

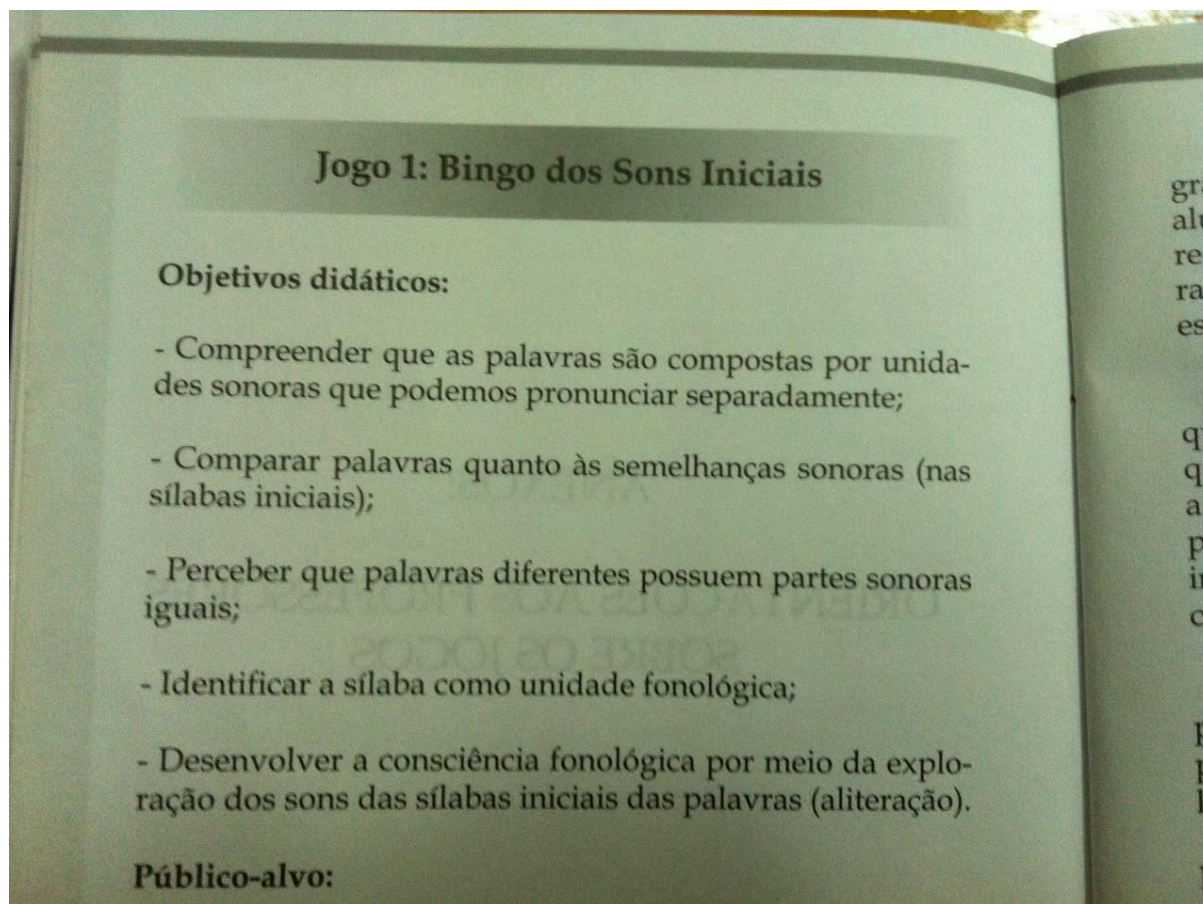


Imagem 7 – Objetivos do jogo Bingo dos Sons Iniciais (fonte: Manual da caixa de Jogos).

[...] Ninguém aprende a ler e a escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas – para codificar e para decodificar. Isso é uma parte específica do processo de aprender a ler e a escrever. Linguisticamente, ler e escrever é aprender a codificar e decodificar. (SOARES, 2009, p.02)

Então, é essencial que a criança compreenda a relação entre o som e a escrita das letras para aprendizagem da leitura e da escrita. Já, nos jogos de consolidação das correspondências grafofônicas, os participantes precisam conhecer todas as letras e seus sons, lendo e escrevendo. Esse jogo é indicado para os alunos com um nível mais avançado de alfabetização.

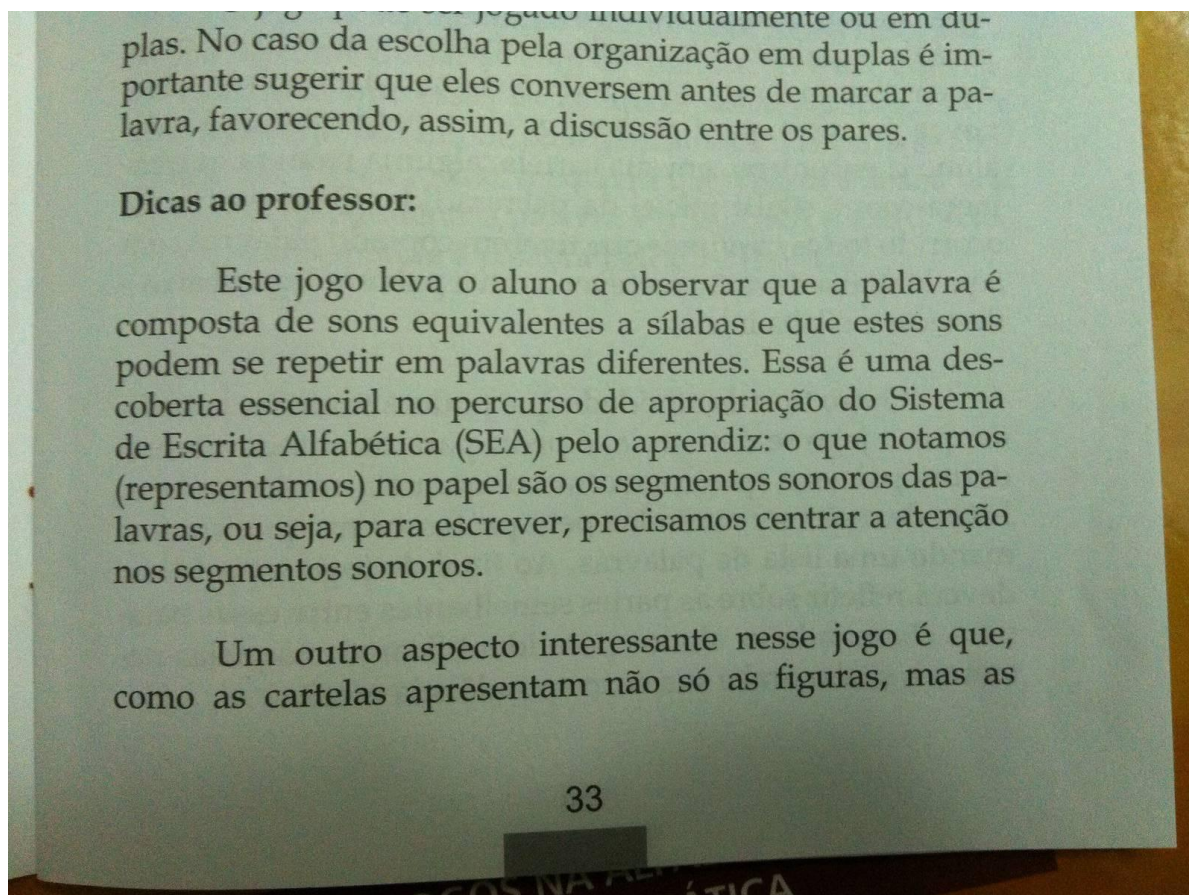


Imagem 8 – Dicas ao professor referente ao jogo Bingo dos Sons Iniciais (fonte: Manual da caixa de Jogos).

Podemos perceber no jogo Quem Escreve Sou Eu, da imagem 9, que os alunos jogam o dado, conforme o número sorteado, eles devem escrever o nome da imagem daquele número. Após todas as imagens escritas, os jogadores devem pegar a outra cartela onde aparece o nome das imagens para fazerem a correção de suas escritas, conforme a imagem 9.

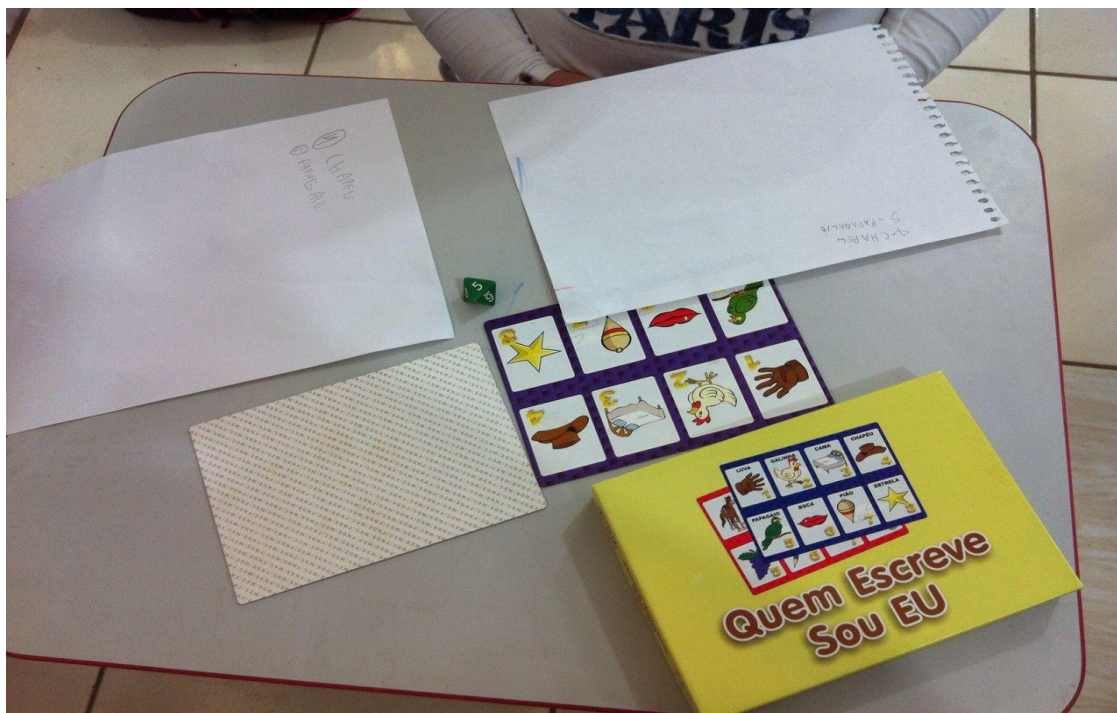


Imagem 9 – Jogo Quem Escreve sou Eu. (Fonte: arquivo pessoal)

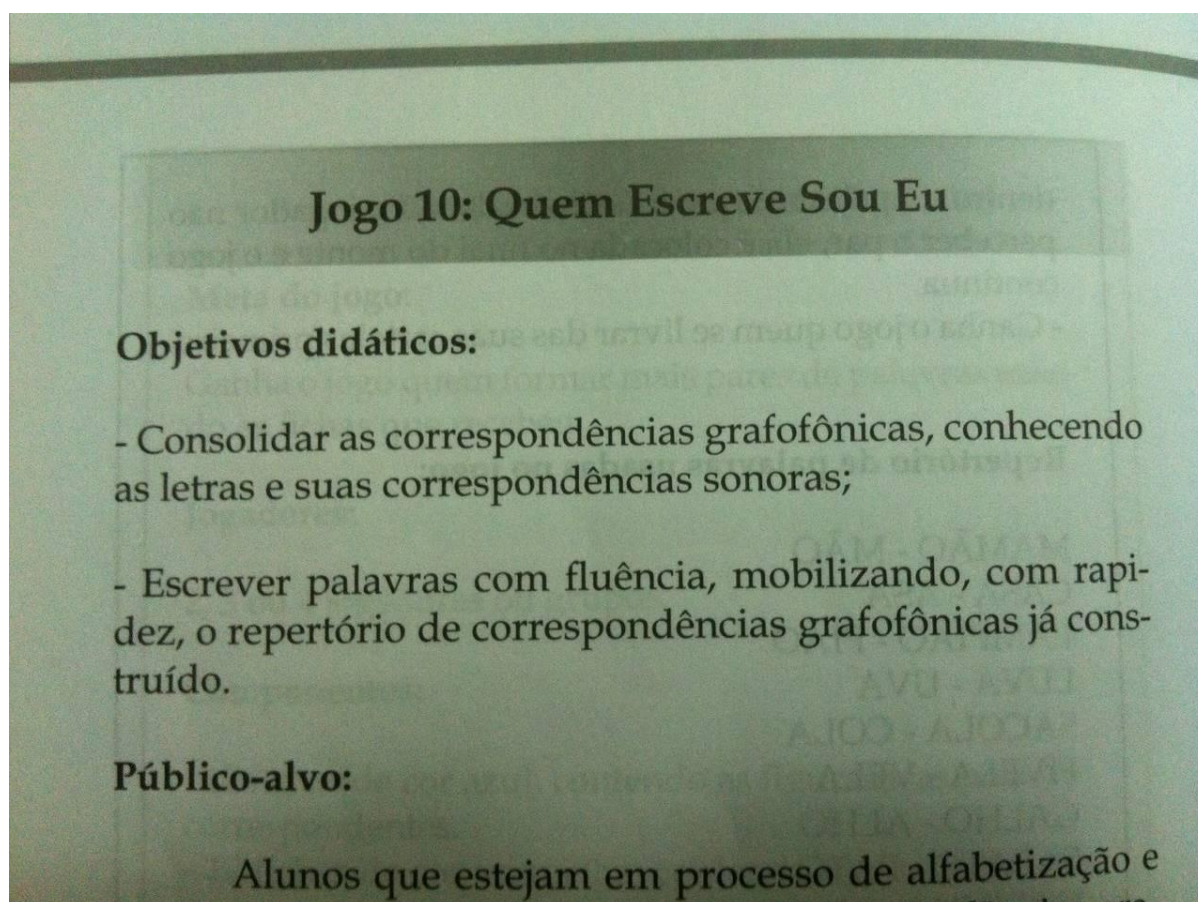


Imagem 10 – Objetivos do jogo Quem Escreve Sou Eu (fonte: Manual da caixa de Jogos).

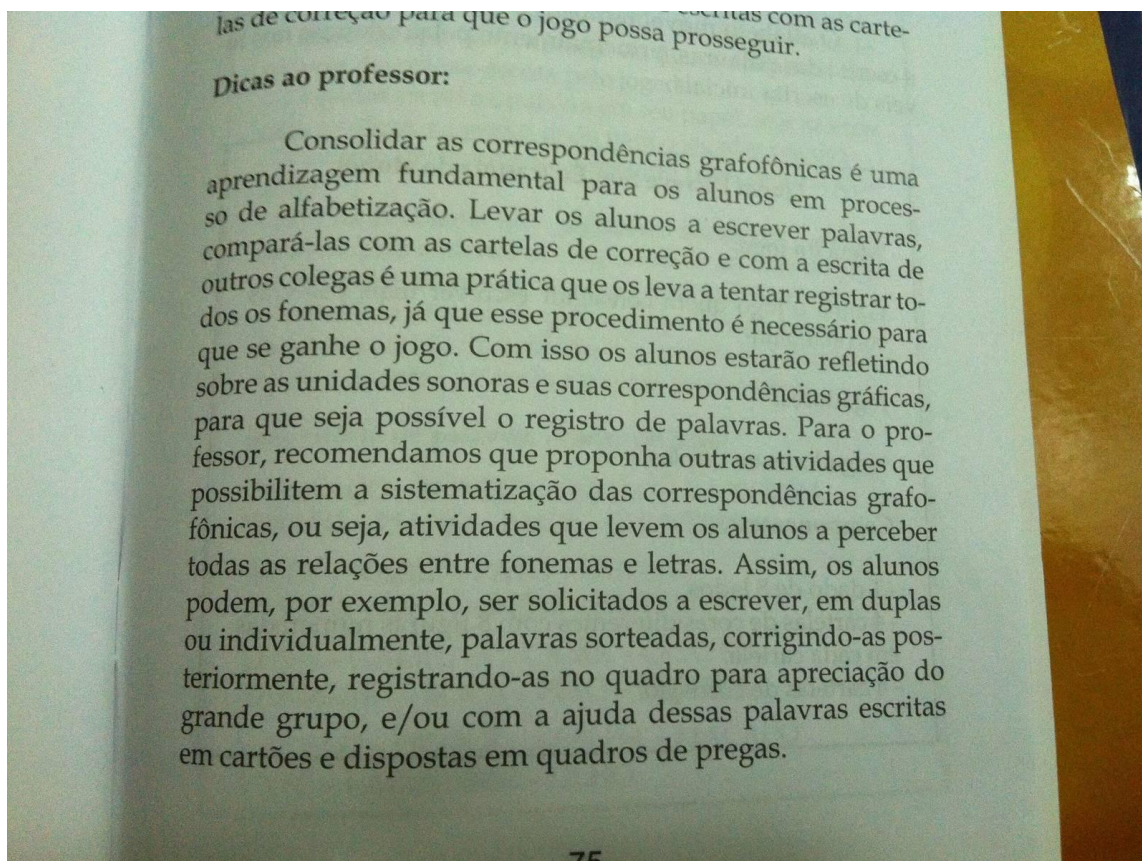


Imagem 11 – Dicas ao professor referente ao jogo Quem Escreve Sou Eu (fonte: Manual da caixa de Jogos).

Observa-se como esse material é rico e apresenta potenciais orientações para os professores.

Na imagem 12, os jogadores estão corrigindo suas escritas. E, portanto, podem comparar com a escrita correta da cartela. Assim os jogadores podem refletir sobre o som e a escrita, perceber se erraram e onde erraram.

[...] um erro corrigido pode ser mais fecundo que um êxito imediato, porque a comparação da hipótese falsa e suas consequências proporcionam novos conhecimentos e a comparação entre erros dá lugar a novas ideias. (COLELLO, 1995 apud PIAGET, 1987, p.36).

Conforme o referido autor, o erro faz com que os alunos reflitam sobre e busquem o certo. E podem ajudar o professor a avaliar como aquele aluno encontra-se no processo de alfabetização. Assim,

[...] Quando o professor conhece as hipóteses que a criança traz consigo fica bem mais fácil trabalhar a alfabetização e os tradicionais erros da escrita típica dessa fase passam a ser encarado de uma forma bem diferente. Na verdade, eles indicam o progresso da criança e não o seu retardo. (FRANCO, 1998, p.58)



Imagem 12 – Correção após a aplicação do Jogo. (Fonte: arquivo pessoal)

Portanto, é importante que o professor tenha sensibilidade de incentivar e motivar esse aluno para que ele não se frustrate ao ponto de se privar desses momentos lúdicos de aprendizagem. O jogo pode auxiliar o professor nessa tarefa, já que o aluno se sente desafiado e curioso, contribuindo para o processo de alfabetização.

5 METODOLOGIA

Esse trabalho de pesquisa deu-se no início do primeiro semestre do ano de 2016, dando continuidade ao primeiro semestre de 2018. Na busca por compreender se os jogos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa-PNAIC- contribuem para o processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais, optei por uma pesquisa qualitativa.

Quanto à pesquisa qualitativa, segundo Ludke, 2013, possui ligação direta com o campo pesquisado:

A pesquisa qualitativa tem um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, pelo trabalho intensivo de campo. (LUDKE, ANDRE, 2013, P.11)

Já, para Lira, a pesquisa qualitativa aspira à compreensão dos fatos, bem como a sua interpretação:

[...] busca a compreensão dos fenômenos e o modo de interpretá-los, não utilizando fenômenos estatísticos para o processo de análise de um problema de pesquisa. Não pretendendo numerar ou medir as variáveis do problema, mas deseja-se entender de modo bem mais descritivo, o fenômeno social. (LIRA, 2014, P.26)

Nesta pesquisa, o pesquisador participa do processo, possibilitando narrativas e causando interpretações individuais, focando na qualidade, no estudo do caso, para analisar as escolas, professoras e os alunos pesquisados e não na quantidade e nas estatísticas. Ressalta-se que a aplicação desse questionário, como um instrumento de busca, fez com que interagisse diretamente com o problema a ser investigado. Para isso, foi aplicado um questionário, em anexo A, com 4 professoras de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, da rede pública municipal de Pareci Novo - RS.

5.1 CONHECENDO O MUNICÍPIO DE PARECI NOVO

Segundo o site da prefeitura, o município de Pareci Novo possui 3.511 habitantes e está localizado no Vale do Caí, a uma distância de 63 km de Porto Alegre. Tem como municípios limítrofes Montenegro, São Sebastião do Caí, Harmonia, São José do Sul e Capela de Santana, como podemos observar no mapa da Imagem 13.

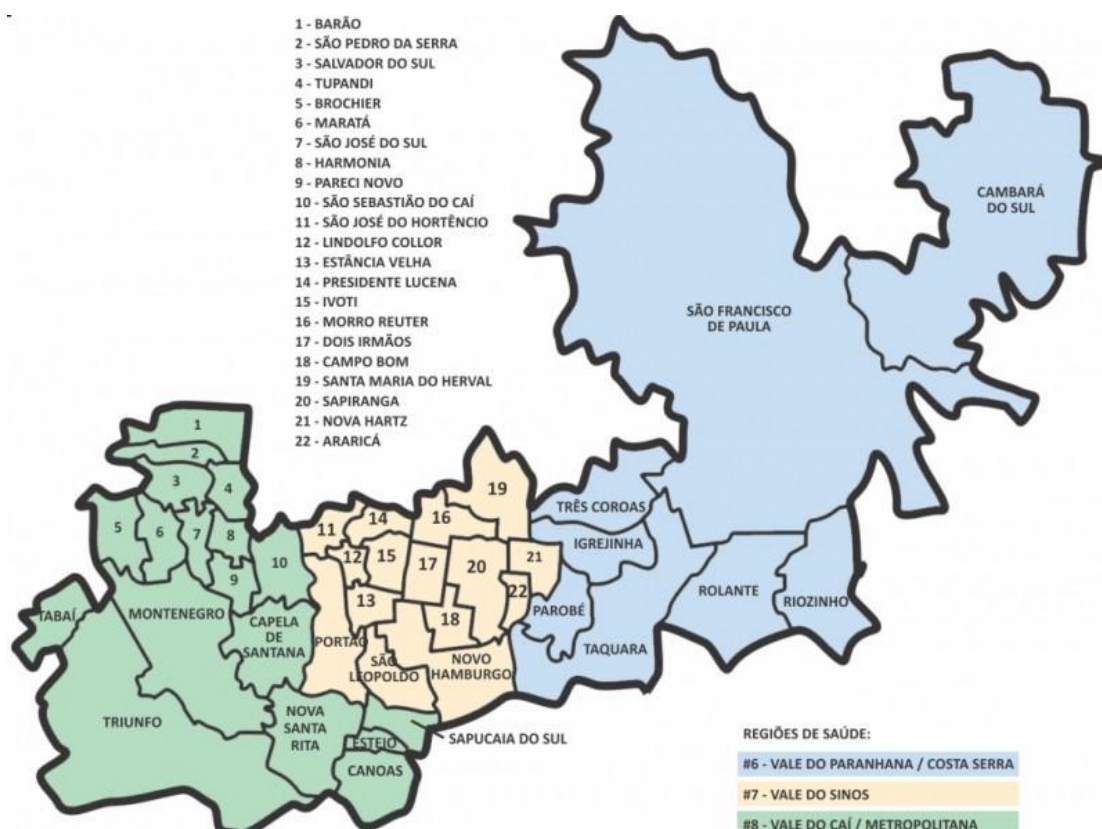


Imagem 13 – Mapa (Fonte: <http://www.saude.rs.gov.br/1-crs-porto-alegre>)

Conforme o portal do referido município, em torno do ano de 1800, o Estado era dividido em grandes fazendas. Não foi diferente na região. As terras que formariam mais tarde as primeiras floriculturas pertenciam à Fazenda Pareci. A Fazenda dividia-se pela parte oeste com Francisco Ivo e pelo leste com Sargento José d’Azevedo, e o Tenente Coronel Manuel Alves Guimarães, e pelo norte o Arroio da Cadea. Essas terras situavam-se, então, entre Maratá e São Sebastião do Caí, em ambos os lados do Arroio São Salvador e tinham uma extensão de 3 a 4 léguas quadradas. O nome Pareci vem de um índio do Mato Grosso que se mudou para a região quando tinha entre 9 e 10 anos e era descendente das tribos dos

Parecis. Apesar disso, a maioria da população é de origem alemã, da cidade de Hamburgo, na Alemanha. Em 20 de março de 1992, foi sancionada a Lei nº 9620/92 pelo governador do Estado, Dr. Alceu Collares. O prédio do Seminário Jesuíta foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural do RS, em 2003. Junto ao Seminário está a Gruta do Silêncio, composta por um altar talhado em pedra grés e com acesso através de uma escadaria com 101 degraus. Ainda, no centro da cidade, a Igreja de São José, construída no início do século passado, chama a atenção por sua imponência e beleza.

Quanto à educação, ainda de acordo com dados divulgados no portal, o município tem como prioridades: executar a política de educação do Município relativo às atividades de instalação e à manutenção de estabelecimentos municipais de ensino; coordenar as atividades dos órgãos educacionais do Município, segundo a orientação Estadual e as normas de Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional-Lei nº 9394/96; elaborar o Plano Municipal de Educação; executar o programa de merenda escolar.

Em conversa com a Supervisora Escolar do Município, Ângela Cerveira, ela afirma que: *o município de Pareci Novo, no ano de 2018, possui 624 alunos e 46 professores, distribuídos em quatro escolas de Ensino Fundamental. Dessas, apenas duas ofertam os anos finais, uma escola da rede Estadual de Ensino Médio e uma escola de Educação Infantil, localizadas em quatro bairros do município.*

As escolas estão inseridas em localidades de interior, sendo a maioria dos alunos de classe média, filhos de trabalhadores rurais. As comunidades são bastante envolvidas com as escolas.

Diante desse contexto, penso que, dentro de uma rede de ensino, podem existir diferentes educadores. Aqueles que acreditam que para o aluno aprender é necessário apenas focar nos exercícios, na repetição e na memorização e aqueles professores que tornam suas aulas mais lúdicas. Dessa forma, esses professores influenciam diretamente o desenvolvimento do processo de alfabetização dos seus alunos. Segundo Paulo Freire (1996, p.39), “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” Por isso, é tão importante que o professor sempre, ao longo de sua prática pedagógica, reflita sobre suas ações, podendo, assim, avaliar e fazer as mudanças necessárias para uma maior qualidade no ensino de seus alunos.

5.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento os sujeitos da pesquisa. A identidade das escolas e das professoras foram representados com letras para fim de mantê-las anônimas.

5.2.1 ESCOLA A

A escola A está localizada no interior do município, na localidade de Despique, em Pareci Novo. Possui 140 alunos, distribuídos nas turmas de Educação Infantil e dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

5.2.1.1 A TURMA DO 3º ANO

Essa turma é composta por 12 alunos, destes 8 são alunos do terceiro ano, e são 7 meninos e 1 menina, com idades entre 8 e 9 anos. A professora D é regente da turma multisseriada de quarto e terceiro anos, no turno da tarde da referida escola.

5.2.2 ESCOLA B

A escola B está localizada no interior do município de Pareci Novo, na localidade de Matiel. Possui 45 alunos, distribuídos em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

5.2.2.1 A TURMA DO 1º ANO

Essa turma é composta por 11 alunos, sendo uma menina e 10 meninos, com idades entre 6 e 7 anos. A professora A é docente na turma de primeiro ano, no turno da manhã.

5.2.2.2 A TURMA DO 2º ANO

Essa turma é composta por 5 alunos, sendo 3 meninas e 2 meninos, com idades entre 7 e 8 anos. A professora C é docente na turma de segundo ano, no turno da manhã.

5.2.3 ESCOLA C

A escola C está localizada no centro do município de Pareci Novo. Possui 120 alunos, distribuídos em turmas dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

5.2.3.1 A TURMA DO 2º ano

Essa turma é composta por 12 alunos, sendo 7 meninas e 5 meninos, com idades entre 7 e 8 anos. A professora B é docente na turma de segundo ano, no turno da tarde.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para iniciar minha pesquisa, elaborei um questionário com 10 perguntas que foram aplicadas com 4 professoras de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Pareci Novo, com a intenção de compreender se os jogos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa-PNAIC- contribuem para o processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais. Para isso, apresento um quadro onde podemos visualizar as respostas das professoras. Identifiquei as professoras pelas letras: A, B, C e D.

Para identificar a formação de cada professora, foi perguntado: “Qual a sua formação?”, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1: Qual a sua formação?

Professora A	Fiz o Curso Normal, graduação Plena em Educação Física e especialização em Psicomotricidade.
Professora B	Magistério.
Professora C	Curso Normal, graduação em Pedagogia e Pós-graduação em Educação Especial.
Professora D	Curso Normal, graduação em Pedagogia e Pós-graduação em Supervisão Escolar.

Fonte: autora da pesquisa

Através do quadro 1, podemos precisar que todas as 4 professoras cursaram o Curso Normal (Magistério) em nível Médio. Dessas, 3 já cursaram também a Graduação e a Pós-graduação.

As Graduações de duas delas, C e D, são em Pedagogia; professora C com Pós-graduação em Educação Especial e a professora D, com Pós-graduação em Supervisão Escolar. E a Graduação da professora A é em Educação Física, com Pós-graduação em Psicomotricidade. Sendo a professora B, a única que não possui curso superior, apenas Curso Normal. Assim, percebe-se que a maioria considera expressiva a formação ou já tem a formação exigida para o exercício docente.

Percebe-se, igualmente, que as professoras realizaram uma formação, sendo assim, encontramos professoras aptas para a realização de suas funções, enquanto profissionais da Educação. Segundo Paulo Freire:

Ensinar exige pesquisa. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (1996, p. 29)

A busca pela formação das professoras consolida a prática das profissionais em sala de aula durante o processo de alfabetização, fazendo com que contribuam na qualidade do ensino ofertado para seus alunos e para elas mesmas, enquanto sujeitos.

Dando continuidade à questão sobre formação, sabemos que o Governo Federal oferece um curso de formação continuada para os professores de turmas de alfabetização, 1º, 2º e 3º anos.

Por meio do PNAIC, os professores têm a oportunidade da troca de experiências com outros profissionais, a valorização das suas práticas, o estudo pedagógico das diversas áreas do conhecimento, visando uma melhoria no processo de alfabetização e um crescimento na qualidade do ensino.

Segundo o Ministério da Educação:

[...] O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal e solidário, assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, desde 2012, para atender à Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), que estabelece a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do Ensino Fundamental”.

[...] Para o alcance desse objetivo, as ações do Pacto compreenderam um conjunto integrado de programas, materiais e referências curriculares e pedagógicas, disponibilizados pelo Ministério da Educação, tendo como eixo principal a formação continuada dos professores alfabetizadores. Essas ações foram complementadas por outros três eixos de atuação: Materiais Didáticos e Pedagógicos, Avaliações e Controle Social e Mobilização. (PORTAL DO MEC, 2018)

Para compreendermos se as professoras participaram dessa importante oportunidade de formação continuada, na questão 2, questiono se participaram do PNAIC e em que ano.

Quadro 2: Participou dos cursos do PNAIC? Quando?

Professora A	Sim. Em 2013, 2014, 2014, 2015, 2016 e 1018.
Professora B	Sim, em 2013 e 2014.
Professora C	Sim, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2018.
Professora D	Sim, nos anos 2013, 2014, 2015, 2016 e agora esse ano de 2018.

Fonte: autora da pesquisa

Podemos ver, a partir das respostas da questão quadro 2, que todas as professoras já participaram dos cursos do PNAIC, buscando uma maior capacitação em prol da alfabetização. Compreende-se, assim, que as profissionais possuem uma preocupação com a formação, ou seja, a formação é valorizada.

Além disso, pretendia-se verificar se as professoras utilizavam os jogos do PNAIC e se esses jogos realmente contribuíam para o processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, questionei-as se tinham por hábito o trabalho com o referido material. No quadro abaixo, 3, seguem suas justificativas.

Quadro 3: Trabalha com os jogos do PNAIC? Os jogos do PNAIC contribuem para o processo de alfabetização?

Professora A	Sim, trabalho com os jogos. Os jogos contribuem para uma aprendizagem de forma lúdica e descontraída, levando o aluno a aprender brincando, com prazer.
Professora B	Trabalho com os jogos, pois os jogos contribuem para uma compreensão dos princípios de funcionamento do sistema alfabético, para a aprendizagem da língua, desenvolvimento de atitudes, cumprimento de regras individuais e compartilhadas, no raciocínio, na espontaneidade, ludicidade, criatividade, socialização, expressão oral e reflexão.
Professora C	Sim, porque os jogos auxiliam, contribuindo com o processo de alfabetização de maneira lúdica, onde o aluno aprende de maneira mais prazerosa, além do que jogos e trabalhos em

	grupo desenvolvem diversos pontos importantes no aluno como o raciocínio, a criatividade, socialização, o cumprimento de regras...
Professora D	Não trabalho com nenhum tipo de jogo em sala de aula, pois acredito que os alunos aprendem muito mais fácil com a explicação do professor e a realização de exercícios de fixação, logo em seguida. A utilização de jogos deixa a turma agitada e dificulta o bom andamento da aula e o aprendizado de todos.

Fonte: autora da pesquisa

A partir do quadro 3, podemos perceber que as professoras A, B e C trabalham com os jogos e acreditam que o uso dos jogos contribuem para o processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir das respostas das professoras, podemos perceber a importância dos jogos para o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo do aluno.

De acordo com a Secretaria de Educação Básica – SEB – o jogo possibilita muito além das habilidades cognitivas. Ele colabora na relação social, confirmando o que as professoras responderam ao questionamento sobre a importância de se trabalhar com jogos:

[...] É importante observar que o jogo pode propiciar a construção de conhecimentos novos, um aprofundamento do que foi trabalhado ou, ainda, a revisão de conceitos já aprendidos, servindo como um momento de avaliação processual pelo professor e de autoavaliação pelo aluno.

[...] Trabalhado de forma adequada, além dos conceitos, o jogo possibilita ao aluno desenvolver a capacidade de organização, análise, reflexão e argumentação, uma série de atitudes como: aprender a ganhar e a lidar com o perder, aprender a trabalhar em equipe, respeitar regras, entre outras. (BRASIL/MEC/SEB, 2014.)

Assim, percebo que o uso dos jogos pode ser um grande recurso para que o professor favoreça a aprendizagem dos seus alunos, desde que o professor utilize esses jogos com objetivos bem definidos por ele, saiba a intenção de onde quer chegar com cada jogo, para que o aluno explore todas as suas possibilidades pedagógicas. No entanto, a professora D não utiliza os jogos, pois acredita que os alunos aprendem com a explicação do professor e com a realização de atividades. Para ela, os jogos possuem relação com perturbação.

A professora D segue uma concepção tradicional, apesar de ter passado pelas mesmas formações das demais colegas. Necessária sensibilização e trabalho com as concepções de ensino e aprendizagem.

Com o propósito de compreender os jogos do PNAIC e como desenvolvem os alunos, questionei as professoras sobre os jogos mais utilizados em sala de aula. Veja no quadro 4, que segue:

Quadro 4: Quais os três jogos mais utilizados em sala de aula? Por quê?

Professora A	Bingo dos sons iniciais, caça-rimas e troca-letras. Trabalho mais com esses jogos, pois focam mais a parte fonética, auxiliando os alunos a esgotarem as possibilidades de escrita, o que, conseqüentemente, os levará à escrita correta.
Professora B	Bingo dos sons iniciais, caça-rimas e palavra dentro de palavra, porque oportunizam ludicidade no processo da aprendizagem.
Professora C	Bingo dos sons iniciais, caça-rimas e dado sonoro, porque contribuem, auxiliam e aceleram o processo de alfabetização de forma lúdica e mais prazerosa para os alunos.
Professora D	Não utilizo jogos na minha aula.

Fonte: autora da pesquisa

De acordo com o quadro acima, percebe-se que as professoras utilizam jogos em comum, jogos que trabalham principalmente os sons ou fonemas. Segundo a autora Magda Becker Soares (1998), em entrevista à Revista Educação, é importante que o aluno memorize a representação da letra, para poder relacionar o fonema com o grafema. A autora afirma que só a memória fará com que o aluno entenda que a escrita é uma representação da língua. Para isso, os jogos que trabalham com fonemas e grafemas suavizam essa memorização necessária, tornando esse processo uma brincadeira prazerosa.

Com o objetivo de saber quando são utilizados os jogos, questionei sobre a frequência que os jogos são utilizados.

Quadro 5: Com que frequência?

Professora A	No início do ano, faço com mais frequência, semanalmente. Ao
--------------	--

	longo do ano, aplico mais por diversão.
Professora B	Toda vez que percebo a necessidade do aluno e para facilitar seu aprendizado.
Professora C	Quase todos os dias tem um momento da aula dedicado aos jogos.
Professora D	Não cabe resposta da professora, uma vez que a mesma não trabalha com jogos.

Fonte: autora da pesquisa

No quadro 5, percebemos que as professoras A, B e C aplicam os jogos ao longo do ano, de acordo com a necessidade da turma, demonstrando, assim, que as professoras acreditam que o uso dos jogos pode facilitar a aquisição do conhecimento pelo aluno.

Dando continuidade a pesquisa, questionei as professoras o objetivo de cada jogo o qual podemos observar nas respostas no quadro abaixo, 6.

Quadro 6: Qual a proposta de cada jogo?

Professora A	<p>Bingo dos sons iniciais: perceber o som da letra inicial, para, a partir deste, reconhecer o som de todas as letras dentro da palavra.</p> <p>Caça-rimas: trabalha sons. A criança percebe que, em várias palavras, podem ser usadas as mesmas letras.</p> <p>Troca letras: a criança vai montando as palavras e esgotando as formas de escrita.</p>
Professora B	<p>Bingo dos sons iniciais: comparação de palavras quanto às semelhanças sonoras no início, palavras diferentes com partes sonoras iguais, percepção das palavras formadas por unidades sonoras pronunciadas separadamente.</p> <p>Caça-rimas: perceber que palavras são formadas por unidades sonoras, que diferentes vocábulos têm partes sonoras iguais no final, comparação de vocábulos quanto às semelhanças sonoras.</p> <p>Palavra dentro de palavra: perceber que as palavras são formadas por unidades sonoras menores, que palavras diferentes</p>

	têm partes sonoras iguais, que uma sequência de sons que forma uma palavra pode estar dentro de outra palavra, fragmentar palavras e formar outras.
Professora C	Fonética. Os jogos citados trabalham com a parte fonética, onde os alunos, brincando, passam a reconhecer o som das letras.
Professora D	Não cabe resposta, uma vez que a professora não trabalha com jogos.

Fonte: autora da pesquisa

A partir das respostas das professoras, pode-se compreender que, em sua maioria, tem boa compreensão sobre os jogos utilizados e os objetivos propostos pelos mesmos. Isso é de suma importância, uma vez que elas são responsáveis por conduzir e mediar os jogos em si e a atividade vinculada a esses que se costuma aplicar após os jogos.

Os jogos citados têm diversas possibilidades de aplicação, contudo, mostram uma característica em comum entre si, que ficou claramente identificada pelas professoras, que entenderam a ligação com a fonética que ambos os jogos possuem.

Na questão seguinte, questiono às professoras sobre o interesse dos alunos para com os jogos. Como podemos observar no quadro abaixo as respostas.

Quadro 7: Os alunos demonstram interesse pelos jogos? Como sabe?

Professora A	Sim, adoram, se divertem muito, pedem mais.
Professora B	Sim. Pelo interesse e pela satisfação que demonstram ao ser anunciado o uso deles. Resposta positiva no aprendizado, pela iniciativa, autonomia e pelo encorajamento.
Professora C	Sim, pedem pelo momento do jogo.
Professora D	Não cabe resposta da professora, pois a mesma não utiliza jogos.

Fonte: autora da pesquisa

Com exceção, obviamente, da professora que não trabalha com os jogos que aqui nos interessam, as demais apresentam unanimidade sobre o fato de os alunos apresentarem interesse pelos jogos. Segundo Paulo Freire (1996):

[...] Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que o professor e os alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e juntos, igualmente, resistir aos obstáculos à alegria. (FREIRE, 1996, p.72)

É possível subentender que os alunos demonstram essa alegria, citada por Freire, e a esperança na aprendizagem, que juntos aprendem através das atividades lúdicas, no caso, dos jogos propostos pela professora que, através das atividades lúdicas, acabam por despertar o interesse e o prazer em aprender por parte dos seus alunos. Agora, a fim de saber como são utilizados os jogos na sala de aula, foi questionado às professoras como aplicam esses jogos.

Quadro 8: Como os jogos são utilizados em sala de aula?

Professora A	As crianças são organizadas em grupos para haver a troca, geralmente antes de uma atividade em folhinha.
Professora B	São usados em pequenos grupos (2 a 3 alunos), conforme orientação. Colocam-se as regras, alunos dispostos da maneira mais adequada para o acesso de todos e comodidade. Toda vez que necessita, faz-se o uso de jogos e mesmo para descontrair e tornar a aprendizagem mais fácil e prazerosa.
Professora C	Em grupos ou individualmente, com ou sem registro.
Professora D	Não cabe resposta da professora, pois a mesma não utiliza jogos.

Fonte: autora da pesquisa

Para Paulo Freire (1996, p. 47), “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” O jogo em grupo oportuniza a interação, a cooperação e a troca de saberes com os colegas, assim, o grupo constrói ou produz novos conhecimentos.

Assim, conforme as respostas supracitadas, foi possível observar que as professoras preocupam-se em oportunizar a troca entre os alunos, ou seja, que estes possam compartilhar seus conhecimentos, ao mesmo tempo que cooperaram entre si para cumprir a proposta do jogo de forma autônoma, coletiva e divertida.

Para saber se as professoras utilizam outros jogos, além dos jogos do PNAIC, questionei-as.

Quadro 9: Além dos jogos do PNAIC, que outros jogos utiliza?

Professora A	Bingo, memória, ditado de palavras, quebra-cabeça, em fim, todo assunto a ser trabalhado é iniciado com jogo ou brincadeira.
Professora B	Após a observação de figuras, o aluno completa com letras faltosas; Mostra de algum objeto da sala, identifica-se através do nome e indica-se o som inicial; Jogar 2 dados (vogais/consoantes), reconhecer a parte sonora (silábica) formada, tentar indicar uma palavra com esse som inicial.
Professora C	Bingo de letras e palavras, memória de imagens e frases, corrida de palavras, letras faltosas, palavra secreta...
Professora D	Não cabe resposta da professora, pois a mesma não utiliza jogos.

Fonte: autora da pesquisa

Pode-se observar, no quadro 9, que as professoras promovem outros tipos de jogos aos alunos, além dos jogos do PNAIC, de acordo com a necessidade da turma.

[...] Quando cantamos músicas e cantigas de roda; ou recitamos parlendas, poemas, quadrinhas; ou desafiamos os colegas com diferentes adivinhações; estamos nos envolvendo com a linguagem de uma forma lúdica e prazerosa. Da mesma forma, são variados os tipos de jogos que fazem parte da nossa cultura e que envolvem a linguagem. Quem nunca brincou do jogo da forca, ou de adedanha (também chamada de animal, fruta, pessoa), ou de palavras cruzadas; dentre outras? (LEAL; ALBUQUERQUE; LEITE, 2005, p.117-118)

Podemos perceber que há diversos jogos que podemos utilizar em sala de aula, desde que tenhamos um objetivo a alcançar, no caso alfabetização, utilizando a interação da língua e escrita.

Por fim, é preciso destacar a importância dos jogos no processo de ensino-aprendizagem, principalmente com turmas do ciclo de alfabetização, onde as crianças são bastante jovens e ainda têm necessidade de compreender conteúdos e novos conceitos de forma mais concreta, ou seja, a partir de apelo visual e sonoro.

Dessa forma, é pertinente reforçar que os profissionais que atuam em tais turmas, necessitam uma visão atualizada sobre o ensino lúdico, de forma a tornar a aprendizagem dos alunos realmente significativa e, ao mesmo tempo, leve, divertida e prazerosa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão investigou os jogos do PNAIC no processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais, tendo como objetivo compreender se esses jogos contribuem para esse processo, mostrou-se pertinente e de grande relevância. O interesse pela temática surgiu a partir das vivências como professora atuante em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a opção do tema da presente pesquisa.

É fato que as crianças, conforme faixa etária referente aos alunos público deste estudo, são sujeitos ativos, cheios de energia, com particularidades e individualidades que influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Conforme o capítulo Alfabetização e Letramento, alfabetização é o domínio da escrita e leitura. Letramento vai muito além de alfabetização, a criança precisa colocar a capacidade de leitura e escrita em prática sociais, compreender o que está lendo e escrevendo, apropriando-se de fato da cultura escrita.

Desse modo, o processo de alfabetização e letramento, são distintos, mas caminham juntos. Por isso, os professores precisam proporcionar situações de interação dos alunos com a escrita, favorecer a descoberta, colocando-os como agentes transformadores do meio em que vivem, utilizando diferentes recursos, como os jogos do PNAIC, para aquisição do conhecimento permitindo que o educando construa o seu conhecimento de forma significativa.

Através da análise de dados, fica claro que os jogos não servem apenas para diversão ou passatempo, visto que os mesmos podem contribuir para o processo de alfabetização. Todavia, isso não significa que o docente que não faça uso destes não consiga sucesso ao alfabetizar. Contudo, ao aluno deste nível, com perfil característico de sua idade, utilizando-se do recurso do jogo, é possível observar maior envolvimento deste, deixando-os mais motivados, fazendo assim com que o aluno se interesse em aprender através dos jogos.

Soares diz que ninguém aprende a ler e a escrever, se não aprender as relações entre fonema e grafema. Então é essencial que a criança compreenda a relação entre o som e a escrita das letras para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Os jogos do PNAIC podem auxiliar o professor nessa tarefa, já que os mesmos trabalham principalmente fonema e grafema, contribuindo para o processo de alfabetização.

Dessa forma, fica clara a evidente importância de o professor escolher adequadamente o jogo que contemple os objetivos a serem trabalhados no nível de aprendizagem em que o aluno está inserido. E foi possível concluir os benefícios que o jogo traz como facilitador do processo de alfabetização e compreender as práticas docentes envolvidas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mairce da Silva. **Ambiente alfabetizador**: a sala de aula como entre-lugar de culturas. In: Garcia, Regina Leite (org). *Novos Olhares sobre Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001.

BIZZOTO, Maria Inês. Aroeira, Maria Luisa. Porto, Amélia. **Alfabetização Linguística**: da teoria à prática. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. Rosa, Ester Calland de Sousa. **Ler e Escrever na Educação Infantil**: Discutindo Práticas Pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL. **Pró – Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem**. Ed. rev. E ampl. Incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto> Acesso em: dez/16.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Jogos na Alfabetização Matemática / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Vamos Brincar de Construir as Nossas e Outras Histórias: ano 02, unidade 04 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. Maciel, Francisca Isabel P. Martins, Raquel Márcia F. **Alfabetização e Letramento na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e Alfabetização**: Dificuldades Ortográficas, o Domínio da Linguagem Escrita, Variedades Dialetais e Alfabetização. São Paulo: Contexto, 1997.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. Rosa, Ester Calland de Souza. **O Fazer Cotidiano na Sala de Aula**: A Organização do Trabalho Pedagógico no Ensino da Língua Materna. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Coetex, 1986.
- _____. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. V.2.
- _____. **Atualidade de Jean Piaget**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do Alfabetizar Letrando: da Oralidade à Escrita**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FRANCO, Sergio Roberto Kieling. **O construtivismo e a educação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- FREIRE, Paulo. **O Mentor da Educação para a consciência**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml?page=1>. Acesso em: Nov/16.
- FREIRE, Paulo. **Sobre educação: Diálogos/Paulo Freire e Sérgio Guimarães**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KATO, Mary A. **A Concepção da Escrita pela Criança**. Campinas: Pontes, 1992.
- _____. **No Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- KISHIMOTO, T. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2003.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Metodologia Científica**. 6 Ed. São Paulo: Atlas, 2011
- LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MASDEVALL, Maria Teresa Gomes. **Como criar uma boa relação pedagógica**. Edições: Asa, 1993, 1ª edição.
- MOREIRA, Geraldo Eustáquio. **O processo de alfabetização e a contribuição de Emilia Ferreiro**. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/5041/3838> Acesso em: Mai/18.
- PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- Projeto – **Revista de Educação: O Jogo na Sala de Aula**. Porto Alegre: Projeto, v. 8, n. 10, out. 2008.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: A alfabetização como processo discursivo.** São Paulo: Cortez, 1988.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: Um Tema em três Gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **É Preciso ter Vários Métodos para Alfabetizar.** Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/e-preciso-ter-varios-metodos-para-alfabetizar-afirma-especialista/> Acesso em: Mai/18

_____. **Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

TEBEROSKY, Ana; GALLART, Marta Soler. **Contextos de Alfabetização Inicial.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da Alfabetização.** Curitiba: Ibpex, 2011.

ZEN, Maria Isabel H. Dalla; XAVIER, Maria Luisa M. **Alfabeletrar: Fundamentos e Práticas.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO

1) Qual tua formação?

() Curso Normal (Magistério)

() Graduação _____

() Pós-graduação _____

2) Participou dos cursos do PNAIC? Quando?

3) Trabalha com jogos do PNAIC? Os jogos do PNAIC contribuem para o processo de alfabetização?

4) Quais os três jogos mais utilizados em sala de aula? Por quê?

5) Com que frequência?

6) Qual a proposta de cada jogo?

7) Os alunos demonstram interesse pelos jogos? Como sabes?

8) Como são utilizados os jogos em sala de aula?

9) Além dos jogos do PNAIC, que outros jogos utiliza?

**APÊNDICE B: AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM FOTOGRÁFICA DE
PESSOA MENOR DE IDADE**

Eu, _____,
residente no endereço _____,
sob o RG n° _____ e o CPF n° _____,
_____, autorizo por meio desta, a Sra. Larissa Pinto
de Paiva do curso de Pedagogia e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS, a utilizarem, **GRATUITAMENTE**, a imagem fotográfica de meu(inha)
filho(a) _____, para
inserção no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A CONTRIBUIÇÃO DOS
JOGOS DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA -PNAIC-
NA ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DE PARECI NOVO/RS.

Estou ciente de que o referido Trabalho poderá ser disponibilizado em qualquer meio eletrônico de divulgação institucional, utilizado **para os específicos fins educativos, técnico-científicos, culturais e não-comerciais**, abrindo mão, desde já, de quaisquer outras reivindicações a respeito do uso dessa imagem, seja a que título for.

São Leopoldo, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável Legal

Assinatura do Aluno